

ALENTEJO DO LITORAL ATLÂNTICO

Nossas peripécias pelo Alentejo começam por Alcácer do Sal, que está ao sul de Lisboa, onde fizemos uma refeição rápida, horas depois de chegar a Portugal, no dia 11 de janeiro de 2013. Está um dia de sol esplendoroso, sobretudo, quando lembramos, que estamos em alto inverno. É agradável ficar ao ar livre, sem os pesados casacos e sentir que é preciso procurar uma sombra.



O nome da cidade, como, aliás, toda a toponímia portuguesa, tem forte relação com a história deste lugar, onde, no passado, se extraía sal, tendo em vista sua situação geográfica tão próxima ao estuário do Rio Sado, conformando uma área de baixio extensa que favorece a implantação das áreas de retenção da água do mar.



A cidade histórica assentava-se na pequena colina e estava de costas para a água. Hoje, na beira do rio, os fundos das construções é que se tornaram a fachada principal das edificações que abrigam pequenos restaurantes, bares e alguns hotéis, que atendem a demanda de turismo, gerado pela passagem para o Algarve, no sul do país, pela rodovia. Dela se tem a vista do castelo, que domina o sítio histórico, como mostra a foto que extraio da Wikipédia.



Entre a rodovia e esta área às margens do rio, há algumas barracas com senhoras que vendem biscoitos e doces caseiros, fazendo a gente pensar como podemos ter, a menos de 100 km da cosmopolita metrópole lisboeta, este passado remanescendo como forma antiga de uso do tempo e do espaço.

Hoje, o castelo é ocupado por uma das Pousadas de Portugal, como boa parte das construções monumentais que remanesceram e vieram parar nas mãos do governo português, responsável por essa iniciativa de dar nova finalidade a uma parcela do patrimônio arquitetônico do país. Inicialmente, as pousadas eram administradas pelo poder público, mas agora a maior parte está sob controle do Grupo de Hotéis Pestana. O conjunto atual da cidade pode ser visto na foto a seguir, feita pelo Eliseu, em que ela se reflete nas águas do rio Sado.

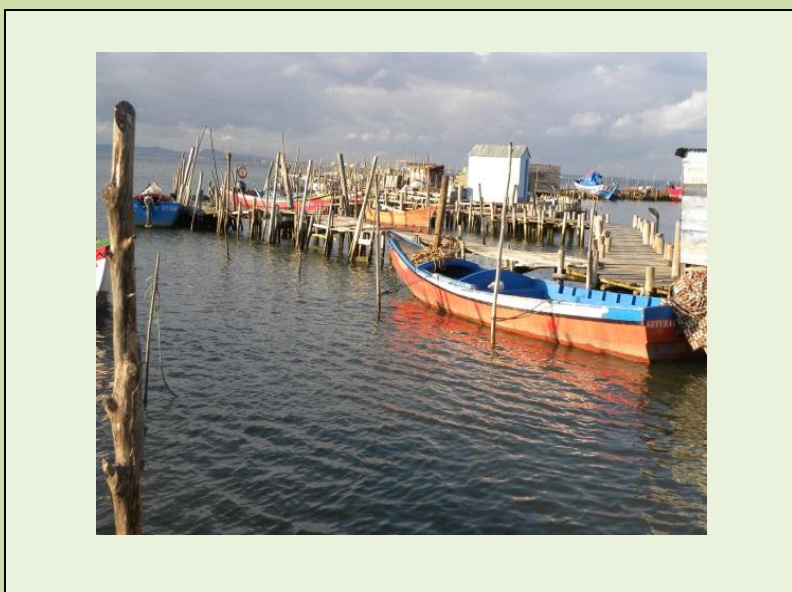
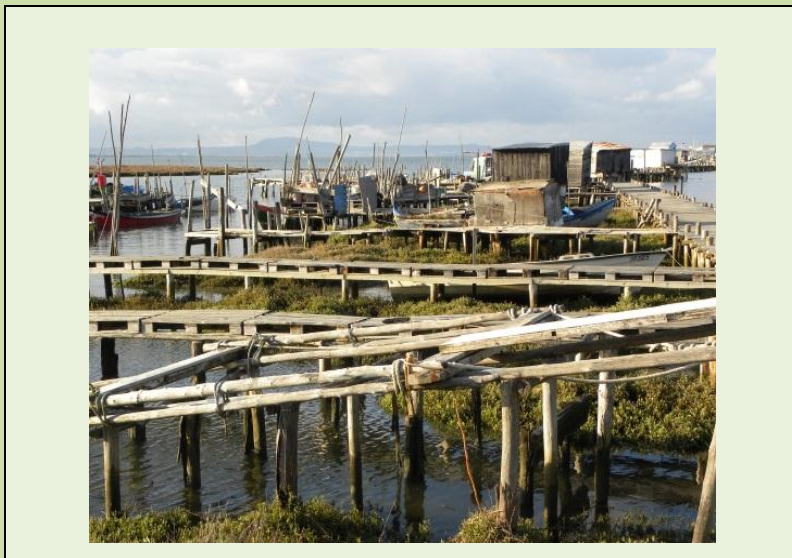


Se você está lendo este relato pode ter se perguntado por que usei o termo “peripécias” logo no primeiro parágrafo. Haveria muitas explicações, algumas já insinuadas no perfil que tracei de nosso anfitrião Jorge Gaspar, em outra parte de meu “diário” sobre essa viagem ao Alentejo. No entanto, de fato, agora pensando um pouco, a palavra saiu espontaneamente, porque assim me senti boa parte do tempo, uma vez que o Jorge dirige perigosamente, tonando o passeio uma aventura, também deste ponto de vista. Breca, dobra rapidamente à esquerda, depois de pensar que seria à direita. Diminui a velocidade de 100 km/h para 30 km/h, quando se lembra de explicar alguma coisa, sem olhar no retrovisor para ver se há alguém atrás. Dirige olhando para o banco de trás, de modo a não perder a oportunidade de associar uma palavra à sua própria história, se aquilo lhe veio à mente naquele momento. Ultrapassa, quando não deveria, entra na contramão e estaciona em qualquer lugar. Procura tranquilizar os passageiros e brinca informando que tem autorização especial para fazer transgressões. Vai, assim, fazendo mais loucuras que um motorista de ônibus no Rio de Janeiro, mas dá tudo certo, ao final, mesmo que nosso coração tenha sofrido com os trancos e barrancos.

Tivemos oportunidade de conhecer um lugar que os guias turísticos não indicariam e que mostra o quanto ainda há de formas tradicionais e mesmo precárias de assentamento humano, mesmo na Portugal, pós União Europeia. Trata-se de Carrasqueira, uma vila de pescadores, em que as habitações erguem-se sobre palafitas.

Olhando as fotos que se seguem, até parece uma paisagem bucólica e bonita, mas, de fato, é um espaço de vida bastante precário, porque as casas são pequenas, feitas com sistemas construtivos de pouca vedação para o frio que faz por aqui. Os caminhos são pequenas pontes de madeira que ligam as casinhas e elas aos pequenos embarcadouros e aos abrigos onde estão as cestas de peixes. Parecia

tudo vazio, mas, aqui e ali, se ouvia vozes dentro daqueles cubículos.



Sines é o destaque seguinte: uma cidade litorânea pertencente ao Distrito de Setúbal, que é um dos que compõem a Região do Alentejo. Embora nas terras que ocupam esta cidade, hoje, já houvesse ocupação desde os romanos, o que notabiliza esta ponta oeste do litoral português, no período atual, é o Porto de Sines, que se tornou um dos mais importantes nas últimas décadas.

As fotos da página seguinte são da cidade (Fonte: Wikipédia) e da

sua praia mais bonita (Fonte: Portal Regional do Alentejo), que estão muito perto das imensas instalações portuárias, embora guardem esta aparência de tranquilidade, que remete à longa duração.



A construção do porto teve início em 1973, embora desde a segunda década do século XX houvesse estudos indicando que aquela ponta tinha todas as condições físicas para ser um ótimo porto.

Em 1978, ele já estava em operação e, hoje, tem terminais de vários tipos (petroquímico, de gás natural, de grãos, de *containers* etc). Localizado a 150 km de Lisboa, por autoestrada, tornou-se alternativa importante ao principal do país que está na capital.

Na página seguinte, a foto da esquerda foi extraída da Wikipédia e a da direita é outro registro feito pelo Eliseu. O que mais chama atenção é que parecem dois espaços muito diferentes, mas deste local onde estamos na foto, víamos a extensa área ocupada pelo porto, que não parece trazer prejuízos em termos de poluição para o pequeno balneário.

O investimento para esta obra foi de tamanha monta, que se acompanhou de iniciativa de planejamento e construção de uma nova cidade – Vila Nova de Santo André – projeto no qual trabalhou Jorge Gaspar, razão pela qual foi muito interessante conhecer num país de

idades centenárias, um aglomerado urbano que tem entre 3 e 4 décadas, ouvindo os depoimentos de alguém que participou da criação, do que fora naquela momento um sonho de cidade moderna. Ela tem hoje 10 mil habitantes e foi elevada à condição de cidade somente em 2003.



Terminando o passeio ainda à luz do dia, Jorge Gaspar dirigia mais loucamente ainda para nos propiciar uma boa vista do por do sol no Atlântico.



Carminha Beltrão, 11 de janeiro de 2013